

---

# **Contribuições de Stáline**

## **para a Ciência Militar e Política Soviética (XX)**

**Ulrich Huar**

### **Capítulo II**

#### **Os nervos estavam à flor da pele**

A 15 de Novembro, poderosas unidades das tropas fascistas alemãs abriram a segunda ofensiva contra Moscovo, sob o nome de código «*Taifun*»: Como Júkov escreveu, os combates a 16, 17 e 18 de Novembro foram «*especialmente difíceis*».<sup>1</sup> A ofensiva alemã iniciou-se na frente em que combatia o 16.º Exército, comandado por Rokossóvski. O que veio a acontecer podia ter sido evitado, se as tropas soviéticas tivessem sido retiradas atempadamente para a linha do Istra, mas, como já foi referido, uma ordem expressa de Júkov impediu essa retirada.

A 23 de Novembro as unidades alemãs romperam posições chave da frente soviética em Solnetchnogorsk e Klin e ocuparam estas duas cidades da região de Moscovo. Como consequência, as unidades soviéticas tiveram de recuar para a linha do Istra, como Rokossóvski tinha anteriormente previsto. Havia «*a ameaça séria de um ataque adversário a Moscovo*».<sup>2</sup>

Só a resistência determinada das tropas soviéticas impediu o avanço das tropas alemãs para Moscovo. Chtemenko escreveu: «*Os combates prolongaram-se até Dezembro, sem que o adversário tivesse alcançado êxitos dignos de registo. A sua ala direita avançou só até Kachira, a ala esquerda até Moscovo-Canal do Volga, na região Iakhroma. Num local, o adversário até conseguiu forçar o canal por um curto período de tempo*».<sup>3</sup>

Rokossóvski referiu-se várias vezes a Júkov como um «*grande general*». Mas, referindo-se ao período dos duros combates nos arredores de Moscovo, assinalou: «*Infelizmente a nossa relação profissional foi por vezes difícil, principalmente no que toca ao papel e à forma do comando, aspectos dos quais tanta coisa depende na guerra*».<sup>4</sup>

Nesta situação extremamente crítica, os nervos dos comandantes, incluindo de Stáline, o Comandante Supremo, estavam extremamente tensos, pelo que ocorreram

---

<sup>1</sup> Júkov, *ibidem*, p.411.

<sup>2</sup> Rokossóvski, *ibidem*, p. 109.

<sup>3</sup> Chtemenko, Tomo I, *ibidem*, p. 41.

<sup>4</sup> Rokossóvski, *ibidem*, p. 115.

mal-entendidos e discussões violentas, como recorda Júkov: «O Comandante Supremo recebeu de alguma forma a notícia de que tínhamos desistido da cidade de Dedovsk, a noroeste de Nakhabino. É claro que isso preocupou muito Stáline, já que a 28 e 29 de Novembro, a 9ª Divisão, sob o comando do major-general A. P. Beloborodov, tinha rechaçado com êxito os repetidos e duros ataques do adversário na região de Istra. Porém, tinham passado 24 horas e agora ouvia que Dedovsk caíra nas mãos dos fascistas.

Stáline telefonou-me: “Sabe que Dedovsk está ocupada?”

“Não, camarada Stáline, isso não é do meu conhecimento.”

O Comandante Supremo não escondeu a sua irritação e disse:

“O comandante de uma frente tem de saber o que se passa na sua frente”. Disse-me que devia ir imediatamente para lá “para organizar pessoalmente o contra-ataque e reconquistar Dedovsk”.

Repliquei que que numa situação tão crítica não seria inteligente abandonar o estado-maior da frente.

“Não faz mal, cá nos arrançaremos. Deixe o Sokolovski no seu lugar.”

Depois desta conversa, liguei imediatamente a Rokossóvski e exigi-lhe que me esclarecesse por que razão no estado-maior da frente ninguém sabia que se tinha desistido de Dedovsk. Verificou-se então que a cidade de Dedovsk não tinha sido ocupada pelo adversário, quanto muito podia tratar-se da aldeia Dedovo. Na região de Khovanskoie – Dedovo – Snegiri, a Sul, a 9ª Divisão estava envolvida num duro combate e tinha impedido o adversário de avançar ao longo da estrada de Volokolamsk para Dedovsk e Nakhabino.

Manifestamente tratava-se de um erro. Quis telefonar para o Quartel-General para esclarecer o mal-entendido. Mas I.V. Stáline ficou definitivamente furioso e exigiu que eu fosse imediatamente ter com Rokossóvski e tratasse de reconquistar essa desgraçada localidade. Para além disso ordenou que levasse comigo o comandante do 5.º Exército, L. A. Govorov. “Ele é especialista em artilharia e deve ajudar Rokossóvski a organizar o fogo de artilharia no interesse do 16º Exército.”

Não fazia sentido levantar objecções nesta situação. Quando fui buscar o general Govorov e lhe expliquei o que havia a fazer, procurou, cheio de razão, demonstrar que esta viagem não era necessária. O 16.º Exército tinha o seu próprio chefe de artilharia, o major-general Kazakov, e o seu comandante também tinha meios para actuar. Por que razão, ele, Govorov, devia deixar o seu exército numa situação tão difícil. Para terminar a discussão, disse-lhe que era uma ordem de Stáline.

Fomos ter com Rokossóvski e depois continuámos juntos até à divisão de A.P. Beloborodov. O comandante da divisão não se mostrou satisfeito com a nossa presença. Tinha imenso que fazer e agora ainda devia explicar por que razão o adversário tinha tomado algumas casas na aldeia Dedovo, que ficavam no outro lado do desfiladeiro.

Beloborodov relatou-nos a situação e apresentou-nos argumentos convincentes de que tacticamente não fazia sentido reconquistar agora as casas. Infelizmente não lhe pude explicar que, neste caso, não me podia guiar por considerações tácticas. Por isso ordenei simplesmente a Beloborodov que enviasse uma companhia de infantaria e dois tanques para expulsar os fascistas daquelas casas. Isso foi feito, tanto quanto sei, na madrugada de 1 de Dezembro.»<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Júkov, *ibidem*, pp. 414-416.

## A contra-ofensiva soviética de 6 de Dezembro de 1941

As tropas fascistas alemãs foram impedidas de avançar e sofreram enormes baixas, mas as tropas soviéticas também sofreram importantes baixas. Como o Exército Vermelho combatia no seu próprio país e possuía uma retaguarda estável, pôde substituir as suas baixas, o que para as tropas alemãs era impossível de fazer a curto prazo, devido às longas distâncias que os reabastecimentos e reforços tinham de percorrer, atravessando amplas regiões controladas por guerrilheiros.

«No final de 1941, só na região de Moscovo, combatiam mais de 40 unidades de guerrilheiros que contavam nas suas fileiras com mais de dez mil combatentes». Num curto espaço de tempo abateram 18 mil soldados alemães, destruíram 222 tanques e outros veículos blindados, seis aviões e 29 depósitos de munições e alimentos.<sup>6</sup>

Tippelskirch referiu uma grande região da guerrilha «com 170 quilómetros de largura e cerca de 70 quilómetros de profundidade» na zona do Grupo de Exércitos Centro alemão. «Foi a primeira de uma longa série de regiões da guerrilha, formadas na retaguarda da frente do Grupo de Exércitos Centro, planeadas e mantidas pela direcção russa até 1944, que exigiam combate constante». Apesar de não conseguirem impedir completamente os reabastecimentos alemães, logravam «ocupar permanentemente importantes forças alemãs e assim retirar força de combate, e provocar importantes falhas de material, cercar completamente grandes regiões de domínio alemão e incitar e aterrorizar a prestável população [?, UH] de forma que se tornaram uma fonte permanente de perturbação e complicação.»<sup>7</sup>

Que os guerrilheiros tenham «cercado completamente grandes regiões **de domínio alemão !!!**», faz parte sem dúvida dos «crimes» de Stáline. Quanto a «incitar!!! e aterrorizar!!! a prestável população», Tippelskirch deve querer dizer que os guerrilheiros neutralizaram colaboradores, algo que sem dúvida não lhe agradou. Naturalmente que não lhe ocorre a ideia de que a origem da «fonte permanente de perturbação e complicação» era o abençoado domínio do ocupante fascista, e que os guerrilheiros não tinham necessidade de «incitar» a «população prestável» contra o ocupante.

Depois de os exércitos alemães estarem suficientemente enfraquecidos e esgotados nos combates de defesa, os exércitos soviéticos que se tinham deslocado para Norte e Sul de Moscovo – sem que os serviços de informação alemães tivessem dado por isso – iniciaram, a 6 de Dezembro, a ofensiva de Inverno contra os exércitos alemães.

As tropas do general Kóniev atacaram a partir do Norte na direcção Noroeste, a partir do Sul, na direcção Sudoeste, atacaram as forças sob o comando do general Timochenko. A Frente Oeste era comandada pelo general do exército Júkov.

A ofensiva soviética surpreendeu totalmente o Alto Comando fascista alemão. As tropas alemãs foram obrigadas a recuar até 600 quilómetros. Depois dos combates de Inverno, as perdas da *Wehrmacht*, segundo cálculos de Berkhine, ascenderam a mais de um milhão de soldados e oficiais mortos e feridos, cerca de 50 divisões.<sup>8</sup> Sobre as acções do Exército Vermelho, Tippelskirch resume: «Os russos não desperdiçaram a oportunidade de retirar as lições correctas dos seus relativos fracassos.

---

<sup>6</sup> Berkhine, *ibidem*, p. 514.

<sup>7</sup> Tippelskirch, *ibidem*, p. 212.

<sup>8</sup> Berkhine, *ibidem*, p. 516.

*Logo no Inverno de 1942/43 os seus ataques eram mais perigosos e bem-sucedidos.»<sup>9</sup> É assinalável que Tippelskirch se refira aos «**relativos fracassos**» do Exército Vermelho.*

Em Moscovo tornou-se visível para todo o mundo o fracasso definitivo da «*guerra relâmpago*». O Exército Vermelho provou que as tropas alemãs não eram invencíveis. Pela primeira vez, tropas alemãs foram cercadas por tropas do Exército Vermelho, caso do cerco de cem mil homens em Demiansk, perto de Kholm. Apesar de no Inverno de 41/42, o comando fascista ainda ter conseguido romper o cerco – à custa de pesadas baixas – estes combates já lançavam a sua sombra para o futuro.

«*Para o comando alemão, o resultado deste Inverno teria, contudo, no longo prazo, consequências funestas, que se iriam revelar decisivas para a derrocada posterior, não só na Frente Leste.*»<sup>10</sup> Até aqui pode concordar-se com Tippelskirch. Mas quando ele, como já vimos, atribui a responsabilidade exclusivamente a Hitler e aos efeitos do Inverno russo, procura eximir de responsabilidades os generais. Qualquer aluno medianamente interessado sabe que o Inverno na Rússia pode ser muito frio. Naturalmente que o general Tippelskirch também sabia isto. Onde Hitler e os senhores generais fracassaram foi na subestimação do Exército Vermelho, da estabilidade da ordem social socialista, da vontade de resistência dos povos da União Soviética sob a direcção do PCU(b), dos generais soviéticos e, por fim mas não por último, de Stáline, que possuía uma grande autoridade na sociedade soviética e qualidades militares de comando, apesar de não ter evitado erros. Como não pode ser o que não deve ser, nomeadamente fracassar perante a União Soviética socialista, teve de se invocar factores climatéricos e atribuir só a Hitler as próprias opções erradas.

Pela primeira vez, a iniciativa da guerra transferiu-se para o Exército Vermelho. A condução alemã da guerra, segundo Tippelskirch, assumiu, depois de Moscovo «*características patológicas*».<sup>11</sup>

Também nisto se deve concordar com ele.

O planeamento, a organização e as decisões nas frentes da ofensiva de Inverno pertenciam ao Quartel-General. Como Stáline era o Comandante Supremo, tinha de decidir, depois de consultas colectivas, e assim assumir a responsabilidade pelos resultados. Para a tomada das decisões, Stáline dependia das informações sobre a capacidade da indústria, produção de armas, munições, alimentos, capacidade de transporte, das reservas de combustíveis e lubrificantes. Simultaneamente, tinha de manter debaixo de olho os inimigos potenciais. No Extremo Oriente, o Japão, no Cáucaso, a Turquia e, como sublinhou Chtemenko, também o Irão.

«*Três dos nossos exércitos estavam no Irão: o 53.º Exército Autónomo da Ásia Central, o 47.º e 44.º. Foram lá estacionados logo no fim de Agosto de 1941, no âmbito de um acordo assinado em 1921 entre a Rússia Soviética e o Irão. O acordo previa a possibilidade de uma tal acção, no caso de haver risco de o território iraniano poder ser utilizado por outros Estados para ameaçar os interesses da URSS. O governo fascista contava seriamente com o Irão, para, a partir daqui, avançar para a Transcaucásia soviética e usar ainda o país como trampolim para as suas divisões avançarem na direcção da Índia. Aqui os nossos interesses eram coincidentes com os da Grã-Bretanha, que enviou as suas tropas para o Sul do*

---

<sup>9</sup> Tippelskirch, *ibidem*, p. 214 e seg.

<sup>10</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 215.

<sup>11</sup> *Idem*, *ibidem*.

*Irão. Neste contexto, a necessária conciliação das inúmeras questões com o Comissariado do Povo dos Negócios Estrangeiros implicava um esforço suplementar para o Quartel-General.»<sup>12</sup>*

Um comandante de uma frente ou de um exército não tinha de se preocupar com estas questões. Stáline tinha de as considerar todas nas suas decisões sobre a distribuição das forças pelas frentes. Por isso, algumas decisões, algumas ordens de Stáline pareceram incompreensíveis aos comandantes das frentes, até mesmo erradas. Por vezes tinham razão, mas nem sempre. Além disso os próprios comandantes das frentes também cometiam erros. Muitas vezes houve acesas discussões entre Stáline e Júkov e assim como com outros generais sobre a distribuição das forças, tropas, unidades blindadas de ataque, artilharia, aviões.

Na véspera da ofensiva de Inverno, Stáline discordou da distribuição, ordenada por Júkov, do 1.º Exército de Choque e do 10.º Exército na Frente Oeste. Se não, ameaçou Júkov «*a nossa situação complicar-se-á seriamente.*» Depois de consultar o Estado-Maior, Stáline concordou com a distribuição. Júkov tinha «*solicitado*» previamente ao chefe do Estado-Maior da frente, V.D. Sokolovski que apoiasse o seu pedido.<sup>13</sup>

Dias antes do início da ofensiva, a 4 de Dezembro, Stáline perguntou a Júkov: «*Como podemos ajudar mais a sua frente, para além do que já lhe demos?*» Júkov pediu «*apoio da aviação da reserva do Alto Comando*», assim como «*pelo menos 200 tanques com tripulação*». Júkov podia ter os aviões, mas: «*Não temos tanques e não podemos disponibilizar-lhe nenhuns*». Stáline informou-o ainda de que a Frente de Kalínine e um grupo operativo da Frente Sudoeste entrariam também na ofensiva a 5 e 6 de Dezembro.<sup>14</sup>

É compreensível que os comandantes das frentes procurassem conseguir o máximo possível. Depois dos êxitos da ofensiva de Inverno, Stáline acreditou poder passar para a ofensiva geral em toda a frente desde o lago Ladoga até ao Mar Negro. Colocou esta questão à discussão no Quartel-General. Dos apontamentos de Júkov ressalta que ele e Voznessénski consideravam a ofensiva demasiado prematura, o inimigo ainda era poderoso e não existiam as condições materiais para tal.

Timochenko era a favor da ofensiva, era preciso «*cansar mais depressa os alemães, para que não possam atacar na Primavera*». Como mais ninguém se quis pronunciar, Stáline encerrou a discussão.

Segundo Júkov, Chapochnikov ter-lhe-á dito que esta questão já estava decidida antes da discussão. É algo que não se pode confirmar. Outros generais referem também decisões deste tipo, as quais, no entanto, não os impediram de tomarem as suas decisões.<sup>15</sup>

Porém, esta decisão de Stáline revelou-se um sério erro.

Era um «*grande plano, no entanto, em diferentes aspectos, não estava suficientemente respaldado em forças e meios necessários. Isto teve consequências na velocidade e resultados da nossa primeira ofensiva de Inverno. Só as tropas da Frente Noroeste avançaram com sucesso, já que o adversário não possuía aí uma defesa contínua*»,<sup>16</sup> afirma Júkov.

---

<sup>12</sup> Chtemenko, Tomo I/ibidem, p. 43.

<sup>13</sup> Júkov, ibidem, p. 422.

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 423.

<sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 427 e seg.

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 429.



Por sua vez, Rokossóvski, comandante do 16.º Exército, criticou os resultados da Frente Oeste e da Frente Kalínine, e assim indirectamente Júkov, enquanto seu comandante: «*Mantenho até hoje a opinião de que as operações de Inverno das frentes Oeste e de Kalínine não conduziram aos resultados esperados e terminaram incompletas. Enquanto nós rechaçávamos o adversário, ficávamos também em apuros. Com os ataques, a linha da frente prolongou-se muitas vezes inutilmente. Fez avanços que o adversário frequentemente isolou. Todas as operações militares têm de se basear rigorosamente no cálculo das forças, meios e possibilidades – tanto nossas como do adversário.*»<sup>17</sup>

Para compreender o aparecimento de divergências de opinião dos generais entre si e entre estes e Stáline, é útil analisar os combates a Sul de Viazma, nos finais de Janeiro de 1942.

Entre 18 e 22 de Janeiro, foram retirados nesta região, atrás das linhas alemãs, dois batalhões da 201ª brigada aerotransportada e o 250.º regimento aerotransportado para cortar ao adversário as vias de abastecimento. Três divisões do 33.º exército, sob o comando do tenente-general M.G. Iefrémov, em conjunto com o 1.º corpo de cavalaria, comandado por P.A. Belov, pára-quedistas, brigadas de guerrilheiros e o 11.º corpo de cavalaria da Frente de Kalínine, deviam romper a defesa alemã e libertar Viazma.<sup>18</sup>

O Quartel-General ordenou a retirada do 4.º corpo aerotransportado da região de Oseretchni. «*Como não tínhamos aviões de transporte, foi retirada apenas a 8ª brigada aerotransportada com dois mil homens.*»<sup>19</sup>

Até ao início de Fevereiro de 1942, o Alto Comando fascista tinha retirado da França e de outras frentes reservas significativas que foram enviadas para Viazma. Os grupos alemães conseguiram cercar numa região de floresta todo o grupo comandado por Iefrémov e inúmeras brigadas de guerrilheiros.

Depois de dois meses de pesadas baixas de ambos os lados, no início de Abril a situação de cerco tornou-se cada vez mais crítica para os soviéticos. O Alto Comando da frente, Júkov, autorizou os generais Belov e Iefrémov a conduzir as tropas para fora do cerco e a juntarem-se às forças principais da frente. Deviam romper o cerco na região de Kirov. O 1.º corpo de cavalaria e as tropas aerotransportadas «*executaram exactamente esta ordem*» e abriram caminho a custo até às posições soviéticas.<sup>20</sup>

O tenente-general Iefrémov considerou que este caminho era muito longo para as suas esgotadas tropas e pediu licença «*para partir para Ugra pelo caminho mais curto.*»

Stáline telefonou a Júkov e perguntou-lhe se estava de acordo. Júkov recusou «*categoricamente*». Stáline respondeu que Iefrémov era um comandante-em-chefe experiente e que se devia concordar com ele. O Quartel-General ordenou a organização de um ataque na posição prevista para a brecha. Segundo Júkov, esta operação foi «*planeada e executada pelo 43.º Exército, mas o grupo de Iefrémov não alcançou o sector previsto*».

---

<sup>17</sup> Rokossóvski, *ibidem*, p.157 e seg.

<sup>18</sup> Júkov, *ibidem*, p. 431 e seg.

<sup>19</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 432.

<sup>20</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 434.

O grupo foi descoberto pelo adversário e aniquilado, Iefrémov, gravemente ferido, suicidou-se para não cair nas mãos dos fascistas.<sup>21</sup>

A quem deve ser atribuída «a culpa»? Quem cometeu os «erros»? Iefrémov? Júkov? Stáline? Qual dos três sabia **nessa altura** que os alemães tinham ido buscar reforços a França? Todos os três decidiram e agiram responsabilmente de acordo com a **sua** avaliação da situação.

Com isto quer demonstrar-se que não é assim tão fácil atribuir «erros» a este ou aquele comandante ou ao comandante supremo. Posteriormente, os «críticos» são sempre muito sábios e, naturalmente, teriam feito tudo «de forma muito diferente». Se tivessem nascido mais cedo, ao que nos teriam poupado!

Relate-se ainda uma outra ocorrência. O 16.º exército, comandado por Rokossóvski, ocupou Sukhinitchi, importante cidade estratégica, no seguimento da ofensiva de Inverno na ala sul da Frente Oeste. Júkov, comandante-em-chefe da frente, ordenou manter a cidade, «continuar a esgotar o adversário com ataques e impedi-lo de se fixar duradouramente e concentrar forças.»<sup>22</sup>

Segundo Rokossóvski, esta ordem era de difícil execução. É possível esgotar o adversário com combates defensivos, para atingir um equilíbrio de forças, mas não é possível esgotar e enfraquecer o adversário com ataques «quando ele possui de forma inequívoca preponderância de forças, ainda por cima num Inverno rigoroso.»<sup>23</sup>

*«Com efeito, o adversário tinha sido rechaçado em Moscovo e sofrido uma derrota, mas a sua capacidade de defesa ainda estava inabalada. Afinal fixou posições e reforçou-se com tropas frescas transferidas de Oeste para a frente germano-soviética. Na Europa ocidental as suas forças armadas não se confrontavam com os nossos aliados. Os nossos soldados esgotados podiam apenas fazer recuar o adversário nesta ou naquela zona. Mas isto custava forças sem que se conseguisse nada de decisivo. As nossas tropas só avançavam com muita dificuldade. Repetidas visitas a diferentes tropas e em diferentes sectores convenceram-me que não estávamos em condições de alcançar um êxito decisivo. Os regimentos e divisões estavam dispersos, faltavam metralhadoras, lança-granadas, artilharia e munições. Poucos tanques sobraram.*

*A base da defesa adversária era constituída por pontos de apoio, em aldeias ou bosques, os espaços entre eles estavam minados e eram cobertos com fogo de artilharia. Nos ataques, a nossa infantaria só podia constituir esquadrilhas esparsas e tinha de caminhar através da neve profunda sob intenso fogo. A nossa artilharia dava pouco apoio, faltavam bocas-de-fogo e as munições eram escassas. Sem ver o adversário, a nossa corajosa infantaria esgotou as suas forças muito antes do ataque e sofreu baixas.*

*Por isso considerei melhor utilizar a pausa respiratória ganha para passar à defesa e concentrar forças e meios para uma poderosa ofensiva. Segundo informações do nosso estado-maior, o adversário era muito superior. Era um paradoxo: o mais forte defende-se e o consideravelmente mais fraco ataca! E ainda por cima enterrado na neve até às ancas.»<sup>24</sup>*

---

<sup>21</sup> Idem, ibidem.

<sup>22</sup> Rokossóvski, ibidem, p. 139.

<sup>23</sup> Idem, ibidem.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 139 e seg.



Rokossóvski enviou estas observações, com cálculos e conclusões, a Júkov. Recebeu a resposta lacônica: «*Execute a ordem!*»<sup>25</sup>

Durante a ofensiva de Inverno, o equipamento técnico do exército soviético era extremamente limitado. Júkov observava sobre isto: «*As possibilidades do nosso país, nesses meses decisivos, eram extremamente limitadas. As necessidades das forças armadas não podiam ser cobertas como o exigia a situação e as nossas tarefas. Quando tínhamos assuntos a tratar no Quartel-General, mendigávamos literalmente ao Comandante Supremo espingardas antitanque, metralhadoras, 10 a 15 canhões antitanque e quantidades pequenas de balas e granadas. O que conseguíamos desta maneira era imediatamente carregado em carros e distribuído pelos exércitos que mais necessitavam. O fornecimento de munições era particularmente difícil. Da quantidade prevista de munições para os primeiros dez dias de Janeiro, Assim, a frente recebeu apenas um por cento dos lança-granadas de 82mm e 20 a 30 por cento das munições de artilharia. No total, a frente recebeu em Janeiro de 1942, 2,7 por cento dos lança-granadas de 50mm, 36 por cento de lança-granadas de 120mm, 55 por cento de lança-granadas de 82mm e 44 por cento de munições para a artilharia. O plano de Fevereiro não foi sequer cumprido. Nos primeiros dez dias não recebemos um único dos 316 vagões previstos. Por exemplo, não dispúnhamos de um único projectil para os nossos lançadores múltiplos de foguetes, por isso retirámo-los para a retaguarda.*

*Hoje ninguém pode imaginar que tivemos de introduzir a norma de um a dois tiros por dia por cada peça de artilharia. E isto numa ofensiva!»*<sup>26</sup>

Frequentemente interrogado sobre o papel de Stáline durante a batalha por Moscovo, Júkov deu uma informação curta e concisa:

*«Nessa altura Stáline esteve sempre em Moscovo. Organizou as forças e os meios para a derrota do adversário. Na presidência do Comité de Defesa, apoiado nos quadros dirigentes dos comissariados do povo, realizou um enorme trabalho de organização das necessárias reservas estratégicas e dos meios materiais e técnicos. Com as suas firmes exigências, pode dizer-se que levou a cabo quase o impossível.»*<sup>27</sup>

Estava-se no início de Julho de 1942, quando Rokossóvski foi chamado ao Quartel-General em Moscovo. Estava previsto o assumir o comando da Frente de Briansk como comandante-em-chefe. «*A recepção do Comandante Supremo foi afável. Stáline informou-me em grandes traços sobre a situação na direcção de Voronej e então disse-me que queria ajudar-me a completar o estado-maior e o comando da Frente de Briansk com colaboradores adequados da minha escolha.*»<sup>28</sup> Stáline também aqui cumpriu a sua palavra e ordenou ao comandante-em-chefe da Frente Oeste (Júkov, UH) que destacasse imediatamente os generais e oficiais escolhidos por Rokossóvski.

**«...os Hitlers vão e vêm, mas o povo alemão, o Estado alemão fica»**<sup>29</sup>

É assinalável que Stáline tenha expressado esta conhecida ideia na sua ordem n.º55 de 23 de Fevereiro de 1942, no 24.º aniversário do Exército Vermelho. A ameaça a

---

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>26</sup> Júkov, *ibidem*, p. 435.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*, p. 438.

<sup>28</sup> Rokossóvski, *ibidem*, p. 159.

<sup>29</sup> SW 14/266.

Moscovo tinha sido repelida, mas a União Soviética continuava em perigo. As tropas fascistas alemãs tinham sofrido uma derrota, mas ainda eram suficientemente fortes para abrir novas ofensivas perigosas contra o Exército Vermelho.

«*O inimigo sofre derrotas, mas ainda não está vencido e ainda menos definitivamente eliminado. O inimigo ainda é forte. Ele empregará as suas últimas forças para atingir êxitos. E quantas mais derrotas sofrer, mais brutal se tornará.*»<sup>30</sup>

A distinção entre o povo alemão e a clique nazi atravessa toda a ordem. Na imprensa estrangeira veiculava a ideia de que o Exército Vermelho queria exterminar o povo alemão, destruir o Estado alemão. Stáline responde que se trata de um «*aranzel estúpido e de difamação disparatada do Exército Vermelho*». O Exército Vermelho não tem tais «*objectivos idiotas*». Provavelmente a guerra terminará com a «*expulsão ou aniquilamento da clique hitleriana*». «*Nós saudaríamos*» um tal fim. Mas não se deve colocar em pé de igualdade o povo alemão com a clique hitleriana, afirma Stáline, proferindo a citação atrás referida. E acrescenta que o Exército Vermelho não conhece nenhum ódio racial, refutando certas afirmações da imprensa estrangeira, de que os soviéticos «*odeiam os alemães enquanto alemães*», de que o Exército Vermelho não faz prisioneiros os soldados alemães. Os soldados e oficiais alemães que se rendem são presos e poupa-se-lhes a vida, esclarece Stáline. Contudo, quando as tropas de ocupação alemãs estão cercadas e recusam render-se sob condição de garantia das suas vidas, como aconteceu em Kalínine , Klin, Sukhinitchi, Andreapol e Toropets, então são aniquiladas. «*Guerra é Guerra.*»<sup>31</sup>

Na ordem n.º 130 de 1 de Maio de 1942,<sup>32</sup> Stáline repetiu algumas ideias fundamentais que já tinha apresentado no seu discurso de 6 de Novembro de 1941, porém acrescentou novos aspectos. A sua crítica aos «*nacional-socialistas*», que nem eram nacionalistas, nem socialistas, foi actualizada:

«*Diz-se que os fascistas alemães são portadores da cultura europeia, que conduzem esta guerra para levar esta cultura a outros países.*»<sup>33</sup>

A formulação «*diz-se*» indica que esta visão da «*cultura europeia*» não era só divulgada pela propaganda de Goebbels, mas também noutros países, entre eles [países] neutrais. A tese divulgada por Goebbels, de que a Alemanha fascista defende a Europa contra o bolchevismo, encontrou aceitação entre estratos da burguesia e da pequena burguesia, não só na Alemanha, mas também noutros países europeus. O antibolchevismo, desde 1917, era, não só na Alemanha, o núcleo central das instituições de propaganda burguesas, inclusive da II Internacional social-democrata. Quase 60 anos mais tarde, revisionistas da História defendem ainda – ou de novo –, mais ou menos abertamente, a tese de que Hitler salvou a Europa do bolchevismo!

A propaganda da «*Europa*», como a tese do aniquilamento do povo alemão pelo Exército Vermelho, foi intensificada por Goebbels depois da derrota da *Wehrmacht* em Stalingrado e em Kursk. Stáline era da opinião de que amadurecia no povo alemão a ideia de que a derrota da Alemanha era inevitável, e de que se tornava cada vez mais claro que a única saída era a eliminação da clique de aventureiros Hitler-Göring.<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> Idem, ibidem, p. 265.

<sup>31</sup> Idem, ibidem, pp. 266-268.

<sup>32</sup> Idem, ibidem, pp.269-279.

<sup>33</sup> Idem, ibidem, p. 271.

<sup>34</sup> Idem, ibidem, p. 272.

Depois da derrota dos exércitos alemães em Moscovo surgiram seguramente as primeiras dúvidas sobre uma «vitória» da Alemanha, mas só uma minoria dos alemães pensava na necessidade do derrubamento dos fascistas que detinham o poder.

Era certo que a vontade de resistência dos países ocupados pelas tropas fascistas não estava quebrada. «*Toda a Jugoslávia e as regiões soviéticas ocupadas pelos alemães estão cobertas pelas chamas da guerra de guerrilha.*»<sup>35</sup>

Isto era correcto. Mas o movimento de resistência nos países europeus ocidentais só ganhou grande impulso depois de Stalingrado. A tendência para a resistência armada no movimento de resistência internacional foi bem identificada por Stáline.

A formulação de que os «*povos de todos os países amantes da liberdade*» olham para a União Soviética, como «*a força capaz de salvar o mundo da peste de Hitler*», reflectia a crescente autoridade da União Soviética e do Exército Vermelho.<sup>36</sup>

Era também justa a afirmação de que a ofensiva de Inverno do Exército Vermelho «*introduziu uma alteração profunda no desenrolar da guerra.*» Depois da retirada temporária, o Exército Vermelho «*passou da defesa activa para a ofensiva exitosa contra as tropas inimigas*».<sup>37</sup> Sem dúvida que a «*ofensiva exitosa*» em Moscovo tinha terminado com a «*estratégia da guerra relâmpago*» do comando fascista, mas esta ofensiva ainda não era a ofensiva geral para «*a libertação do território soviético*», pelo que Stáline cautelosamente se referiu a ela como uma «*fase*». Sob o aspecto teórico-militar, a ofensiva de Inverno fez parte da defesa estratégica, a qual também inclui contra-ataques.

Stáline repetiu que conduziam uma «*guerra patriótica, uma guerra de libertação, uma guerra justa*», para a libertação de todo o país do ocupante alemão.<sup>38</sup>

Nas suas frases finais referiu que o Exército Vermelho possuía tudo o que precisava. «*Só lhe falta uma coisa – perícia para aproveitar plenamente contra o inimigo os meios técnicos de combate de primeira classe que a nossa pátria lhe disponibiliza*». Por isso era tarefa dos combatentes do Exército Vermelho aprenderem «*empenhadamente*», «*estudarem na perfeição as suas armas, tornarem-se mestres na sua especialidade e, desse modo, aprenderem com segurança a derrotar o inimigo.*»<sup>39</sup> Segue-se a enumeração do que cada um tinha de aprender, desde o simples soldado até ao comandante das unidades militares. Estas últimas referências no texto dão conta da existência de um problema sério no Exército Vermelho – a insuficiente qualificação dos combatentes. O atraso educativo herdado do tempo dos tsares não podia ter ser totalmente superado no curto período de paz de 20 anos (1920-1940). A escolaridade primária obrigatória universal só pôde ser introduzida a partir de 1930. Nesse ano, 37,4 por cento da população soviética ainda era analfabeta.<sup>40</sup> A produção de armas modernas de alta qualidade e a sua entrega ao Exército Vermelho era uma coisa, a sua utilização, manutenção e reparação quando necessário eram outra. Stáline sabia que o Exército Vermelho tinha ainda muito para aprender nos combates, tinha de aprender nas condições de combate terríveis o que em tempo de paz não pudera aprender devido a circunstâncias objectivas concretas. Os séculos de domínio tsarista lançavam uma longa sombra.

---

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p. 273.

<sup>37</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*, p. 275.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*, p. 275 e seg.

<sup>40</sup> SW 12/262.